



Sociedade das Ciências Antigas

A TRADIÇÃO CRISTÃ

ALGUNS PENSAMENTOS SOBRE A SUA NATUREZA

Na perspectiva da gnose, o Cristo, a "Luz do Mundo", é a Inteligência universal, já que o Verbo é a Sabedoria do Pai. O Cristo é a Inteligência do macrocosmo e do microcosmo; Portanto, Ele é a Inteligência em nós (1) e a Inteligência no Universo e um *fortiori* em Deus; nesse sentido, pode ser dito que não há verdade ou sabedoria que não venha de Cristo, independentemente de tempo ou lugar; (2) Da mesma forma que "a Luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam", a Inteligência brilha nas trevas das paixões e ilusões. A relação do Filho para com o Pai é análoga à relação do puro Amor para com o Ser ou da Inteligência para com o eu, e é por isso que somos, na Inteligência ou na Graça santificada, irmãos de Cristo.

Da mesma forma, o Cristo é prefigurado no todo da criação; esta contém também um aspecto de encarnação e outro de crucificação. Numa escala menor, a humanidade, e com ela o humano individual, é uma imagem do Cristo, contendo os dois aspectos: o homem é "encarnação", com sua Inteligência e liberdade, e "crucificação", por causa de suas misérias.

Do ponto de vista da doutrina, a gnose cristã nada mais é do que uma metafísica trinitária (3) (referente à Trindade), com suas aplicações microcômica: nossa existência pura, corresponde ao Pai; nossa inteligência pura, ao Filho, e nossa vontade pura, corresponde ao Espírito Santo. A linha vertical da cruz denota o relacionamento do Pai para com o Filho, enquanto que a linha horizontal simboliza o Espírito Santo; este procede do Pai e é delegado pelo Filho, o que significa que o Espírito, que é ao mesmo tempo, Beatitude e Vontade, procede do Pai e também do Filho

(*Filioque*), na medida em que Ele representa o Pai, mas não quando Ele é distinto do Pai. O Pai está além do Ser, o Filho é o Ser e o Espírito é Beatitude e manifestação; quando a perspectiva está limitada à ontologia, o Pai é o Ser, o Filho a Consciência do Ser. Dizer que o Espírito Santo é Beatitude e manifestação - qualquer que seja o nível de perspectiva, ontológica ou supraontológica - significa que é, ao mesmo tempo, a vida interior e a projeção criativa da Divindade; trata-se de uma expansão ou uma exalação *in divinis*, ao mesmo tempo que um surgir *ex divinis*; por um lado, é Beatitude interna e contemplativa, por outro, Beatitude externa e ativa. É por esta razão que no sinal da cruz, o Espírito Santo "ocupa" toda a linha horizontal; poderia até mesmo ser dito que ao se fazer o sinal, as palavras *Spiritus Santus* designam o Espírito *in divinis*, e a palavra *Amem* o Espírito na criação, se tal expressão for permitida.

O Espírito, como criação, não é outro senão a Virgem em três aspectos: macrocômico, microcômico e histórico: o primeiro é a Substância Universal; o segundo, a alma num estado de graça santificada; e finalmente, a manifestação humana desses aspectos, a Virgem Maria. Nesse sentido, se poderia dizer que a palavra *Amém* é um nome da Virgem, criatura perfeita - ou criação perfeita - e que, se a linha vertical do sinal da cruz denota a relação entre o Pai e o Filho, a linha horizontal denotará a relação entre o Marido e a Esposa. A alma da Virgem, como um todo, é um grande *Amém*; não há nada nela que não seja um consentimento na Vontade de Deus.

A cultura cristã contém essencialmente três imagens: a Virgem e o Filho, a Crucificação e o Aspecto Santo: a primeira imagem está relacionada à Encarnação, a segunda à Redenção e a terceira à divindade de Cristo. O Homem retoma esses três símbolos ou mistérios respectivamente pela pureza, veículo do Cristo em nós, pela morte para o mundo, e pela santidade ou sabedoria.

No sentido exato da palavra, a cultura é parte da liturgia – em termos gerais – trata –se de uma "obra pública"; (4) assim, a cultura não pode ser abandonada ao que é arbitrário no homem. A cultura, assim como a liturgia propriamente dita, constituem o ornamento terrestre de Deus; ambas envolvem e revelam a Presença divina na terra (5).

A Igreja de Pedro é visível e contínua como a água; a de João – baseada na Cavalaria e confirmada no mar Tiberiádes – é invisível e descontínua como o fogo. João se torna o irmão de Cristo e Filho da Virgem, além de ser o profeta do Apocalipse; Pedro é encarregado de "alimentar meu rebanho", mas sua Igreja parece ter herdado também suas contradições, por conta da Renascença e suas conseqüências diretas e indiretas; contudo, "os portões do inferno não prevalecerão sobre ela". João, "permanecerá até que eu venha", e esse mistério encontra-se perto de Pedro (6).

O Espírito Santo é dado pela Confirmação, por intermédio do fogo, pois o óleo nada mais é do que uma forma líquida de fogo, assim como o vinho; a diferença entre o Batismo e a Confirmação poderia ser definida assim: o Batismo tem uma função negativa ou positivo-negativa, já que afasta o estado de queda, enquanto que a Confirmação é um sacramento que tem uma função puramente positiva, na medida em que confere uma luz e um poder que são divinos (7).

Essa transmissão requer uma nova dimensão e recebe sua total eficácia através dos votos que correspondem aos conselhos evangélicos; esses votos – verdadeiro fermento Iniciático – denotam, ao mesmo tempo, uma morte e um segundo nascimento, e são acompanhados por ritos funerários simbólicos; a consagração de um monge é uma espécie de sepultamento (8). Através da pobreza, o homem se mantém à parte do mundo; através da castidade se mantém à parte da sociedade; e através da obediência, ele se mantém à parte de si mesmo (9).

Todo o Cristianismo baseia-se nestas palavras: Cristo é Deus. No plano sacramental: o pão é Seu corpo e o vinho é Seu sangue (10). Além disso, há uma conexão entre os mistérios eucarísticos e onomásticos: o Um está realmente presente em Seu Nome, ou seja, Ele é Seu Nome.

A Eucaristia é o centro da graça do Cristianismo; ela deve portanto expressar integralmente o que caracteriza essa tradição, e assim o faz ao conter não só o mistério do Cristo, mas também sua dupla aplicação aos mistérios maiores e menores; o vinho corresponde aos mistérios maiores, e o pão, aos mistérios menores; isso é claramente mostrado não só pelas naturezas respectivas dos sagrados elementos, mas também pelos seguintes fatos simbólicos: o milagre do pão é quantitativo, no sentido de que Cristo multiplica o que já existe, enquanto que o milagre do vinho é qualitativo, pois o Cristo confere à água uma qualidade que ela não tinha, aquela do vinho. Ou novamente, o corpo do redentor crucificado tinha que ser perfurado, a fim de que o sangue pudesse fluir; o sangue representa assim o aspecto interior do sacrifício, o que é reforçado pelo fato de que o sangue é líquido, ou não-formal, enquanto o corpo é sólido, ou formal; o corpo de Cristo tinha que ser perfurado porque, usando a linguagem do mestre Eckart: " se você quer a semente, deve quebrar a casca". A água que fluiu do lado de Cristo e comprovou Sua morte, é como o aspecto negativo da alma transmutada: é a extinção que, segundo o ponto de vista, acompanha ou precede a plenitude beatificada do sangue divino; é a "morte" que precede a "Vida", sua prova externa.

O Cristianismo apoia-se também em dois mandamentos supremos, os quais contêm toda a lei e profetas. Na gnose, o primeiro mandamento – total amor à Deus – implica em despertar da consciência do Eu, enquanto que o segundo – amor ao próximo – refere-se ao ver o Eu no não-eu. Da mesma forma, pela prescrição do *oratio et jejunium*: todo o Cristianismo apoia-se nestas duas disciplinas, oração e jejum. *Oratio et jejunium*: Jejuar é, em primeiro lugar, abster-se do mal; em segundo lugar, anular-se à Deus (*vacare Deo*), enquanto que a oração – a lembrança de Deus – afirma-se por si só, realizando assim, a vitória já conquistada pelo Redentor.

A oração culmina numa constante invocação dos Nomes divinos, na medida em que é uma espécie de lembrança articulada. A Lenda Dourada, de tão ricos ensinamentos, contém histórias que prestam tal testemunho: um cavaleiro desejava renunciar ao mundo e entrar na ordem Cisterce; ele era iletrado e além disso, incapaz de memorizar; de todos os ensinamentos que havia recebido, só

guardava duas palavras: Ave Maria; essas duas palavras ele guardava com tanto cuidado, que passava o tempo todo pronunciando-as a si mesmo onde quer que fosse e o que quer que estivesse fazendo. Após a sua morte, um belo lírio nasceu de sua sepultura, e em cada pétala estava escrito em letras douradas Ave Maria; os monges abriram o túmulo e verificaram que a raiz do lírio crescia da boca do cavaleiro. Para essa história temos somente uma palavra a acrescentar, ao que se refere à qualidade divina do Nome da Virgem: aquele que diz Jesus, diz Deus; aquele que diz Maria, diz Jesus, portanto, Ave Maria – ou o Nome de Maria, é um dos Nomes divinos, aquele que está mais perto do homem.

A Lenda Dourada conta também que os executores de Santo Inácio de Antioquia ficaram surpresos pelo fato de que o santo pronunciava o nome de Jesus sem parar: "Eu não posso parar de fazê-lo", disse o santo, "pois está escrito em meu coração." Após a morte do santo, os pagãos abriram o seu coração e viram que ali estava escrito, em letras douradas, o Nome de Jesus (11).

Deu é amor e luz: mas Ele é também, em Cristo, sacrifício e sofrimento; temos aqui, mais uma vez, um aspecto ou extensão do Amor. O Cristo possui duas naturezas, a divina e a humana; Ele oferece dois caminhos, a gnose e a caridade: o caminho da caridade, distinto da gnose, implica em dor, pois o perfeito amor necessita sofrer; é no sofrimento que o homem melhor prova o seu amor; mas há também, como um preço a ser pago pela facilidade intelectual de tal perspectiva. No caminho da gnose onde toda a ênfase encontra-se na pura contemplação, sendo que a preocupação central está no aspecto glorioso do Cristo, e não em sua humanidade dolorosa – há, em alguns aspectos, uma participação na natureza divina, sempre bem-aventurada e imutável- o sofrimento não é imposto da mesma maneira; ou seja, em princípio, não há a necessidade de exceder as exigências de uma ascetes geral, tal como o Evangelho designa pelo termo *jejunium*; o desapego, quase impessoal, prevalece aqui sobre o desejo individual de sacrifício. Toda a espiritualidade Cristã oscila entre estes dois pólos, embora o aspecto da caridade e do sofrimento prepondere enormemente, na prática, e por razões óbvias, sobre o aspecto da gnose e da contemplação.

A questão: "O que é Deus?" ou "O que sou?" excede em valor, na alma da gnose, à questão: "O que Deus quer de mim?" ou "O que devo fazer?", embora essas perguntas estejam longe de serem irrelevantes, já que o homem é sempre homem. O gnóstico, que vê Deus em todo lugar e em lugar nenhum, não se baseia em alternativas fora de si mesmo, embora não possa fugir delas; o que importa para ele, acima de tudo, é que o mundo é, em todo lugar, tecido das mesmas qualidades existenciais e possui, em todas as circunstâncias, os mesmos problemas da proximidade e do afastamento.

A insistência, na atmosfera cristã, na virtude da humildade – ou a maneira desta insistência ou do exemplo desta virtude – nos leva a retomar este problema, que é ao mesmo tempo moral e místico.

A humildade possui dois aspectos prefigurados nos Evangelhos, um no lavar dos pés, outro nas lágrimas do abandono na cruz. A primeira é anulação: quando somos trazidos, por bem ou por mal, a ver uma qualidade em nós, devemos primeiramente atribuí-la à Deus e depois ver em nós mesmos os limites desta qualidade, ou defeitos, que poderiam neutralizá-la; quando somos trazidos a ver um defeito nos outros, devemos primeiramente tentar encontrar seus traços ou a responsabilidade sobre ele em nós e depois nos forçar a descobrir qualidades que possam compensá-lo. Mas a verdade – que está ao nosso alcance – supera qualquer outro valor, de modo que se submeter à Verdade é a melhor forma de ser humilde; a virtude é boa porque é verdade, e não o inverso. O Cristo se humilhou ao lavar os pés de seus discípulos. Ele serviu, sendo que era o Mestre, mas não se rebaixou; Ele não disse: "Sou pior que vocês" e não deu exemplo de virtude que contrariasse a Verdade ou a Inteligência (12).

O segundo mistério – a grande humildade – é a morte espiritual, perder a vida por Deus, a extinção do *ego*; isso era o que os santos tinham em mente ao se descreverem como "os maiores pecadores"; se essa expressão tem algum significado, ela se aplica ao *ego*. Visto que todos os pecados provêm do *ego*, e que sem ele não haveria pecado, é de fato o *ego* o mais vil ou o mais baixo dos pecadores;

quando o contemplativo identifica o seu Eu com o princípio da individuação, percebe como se a raiz de todo pecado e o próprio princípio do mal estivesse nele; é como se assumisse, após o exemplo de Cristo, todas as nossas imperfeições, a fim de dissolvê-las em si mesmo, na luz de Deus e nas chamas do amor. Pois, para São Benedito ou São Bernardo, os passos da humildade são estágios da extinção do Eu passional, estágios estes marcados por atitudes símbolo, disciplina e transmutação da alma; a chave da sabedoria é que o Cristo foi humilhado na cruz por Se identificar, na noite do abandono, com a noite do *ego* humano, e não por Se identificar com o Eu; Ele se sentiu desamparado, não porque era Jesus, mas porque havia se tornado homem; Ele tinha que deixar de ser Jesus, para provar todo o rigor, toda a separação de Deus, que atinge o *ego* e conseqüentemente, nosso estado de queda (13).

Que nós não sejamos capazes de determinar nosso lugar na hierarquia dos pecadores, não significa não termos a certeza de sermos vis, não só como *ego* em geral, mas também e acima de tudo, como *ego* particular; sabemos que somos vis pela simples razão de que o Eu poderia esvaziar a humildade de seu conteúdo.

A Humildade, no Cristianismo, é compreendida com relação ao amor, sendo este um dos fatores que lhe confere sua textura característica. O amor de Deus, diz Santo Agostinho, supera todas as virtudes.

"E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam". A mensagem de Cristo, está endereçada, a priori, ao elemento passional no homem, ao ponto da queda em sua natureza, mas permanece gnóstico ou sapiente em Cristo e portanto, na metafísica trinitária, sem falar do sapiente simbolismo dos ensinamentos e parábolas de Cristo. Mas é com relação à forma geral – a perspectiva volitiva – da mensagem que Cristo poderia dizer: "Não são os que tem saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores" (Marc. 2,17).

Novamente, quando o Cristo diz "Não julgues para não seres julgados", Ele se refere à nossa natureza passional e não à pura inteligência, que é neutra e identificada com aqueles que tem saúde. Se Cristo virá para julgar os fracos e os mortos, trata-se mais uma vez da questão da Inteligência – a única que tem o direito de julgar – e da equiparação do Cristo à Inteligência.

A perspectiva volitiva, à qual nos aludimos, é confirmada de forma mais clara possível na história bíblica: vemos ali um povo tanto passional como místico lutando pela compreensão da Lei que os fascina, o que prefigura, de forma providencial, a luta da alma passional (de cada alma, na medida em que estão subjugadas as paixões) com a verdade que é o objetivo final do estado humano. A Bíblia sempre fala sobre o que acontece e quase nunca sobre o que é, embora o faça de forma implícita como apontam os Cabalistas; somos os primeiros a reconhecer isso, o que nada altera na natureza visível destas Escrituras, nem nas causas humanas por traz desta natureza.

Por um outro ângulo, o Judaísmo ocultou aquilo que o Cristianismo manifestou abertamente (14); os Judeus, por sua vez, haviam manifestado abertamente, do ponto de vista moral, o que os Cristãos, mais tarde, aprenderam a ocultar; a antiga crueldade foi substituída por um esoterismo do amor, sem dúvida, mas também por uma nova hipocrisia.

É necessário levar em conta igualmente que: a perspectiva volitiva tem a tendência de reter o *ego* devido a idéia de responsabilidade moral, enquanto que a gnose, ao contrário, tende a reduzir o *ego* aos poderes cósmicos dos quais é uma combinação e uma expressão; do ponto de vista da vontade e da paixão, os homens são iguais; mas não são iguais do ponto de vista da inteligência pura, pois esta introduz no homem um elemento do absoluto, que por isso mesmo, o excede infinitamente. Quanto a questão moral: "Quem é aquele que julga o outro?" – uma questão pela qual alguns gostariam de destruir toda a astúcia das serpentes ou todo discernimento dos espíritos num vago e caritativo psicologismo – a esta questão alguém poderia responder: "Deus" em todo caso de julgamento infalível; pois a inteligência, enquanto relativamente absoluta, escapa da jurisdição da virtude, e conseqüentemente, seus direitos superam aqueles do homem enquanto *ego* passional e falível; Deus é a verdade em toda verdade. Dizer que "ninguém pode julgar e tomar parte em causa própria" só

pode se aplicar ao *ego*, na medida em que este limita ou obscurece a mente, pois é arbitrário atribuir à inteligência tal limite, relacionada a uma ordem de contingências; afirmar, como fariam certos moralistas, que o homem não tem o direito de julgar, equívale a dizer que ele não tem inteligência, que é apenas vontade ou paixão e portanto, que não tem nenhuma semelhança à Deus.

Os direitos sagrados da Inteligência aparecem, além disso, no fato de que os Cristãos não puderam dispensar a sabedoria de Platão, e que, mais tarde, os Latinos sentiram a necessidade de recorrerem ao Aristotelismo, reconhecendo que *religio* não existiria sem o elemento da sabedoria, cuja a exclusiva perspectiva do amor permitiu que caísse num descrédito (15). Mas se o conhecimento é uma necessidade profunda do espírito humano, ela é por isso mesmo também um caminho.

Retornando ao nosso primeiro pensamento, poderíamos nos expressar da seguinte forma: contrário ao caso da gnose, o amor raramente tem o direito de julgar o outro; ele toma tudo para si e tudo perdoa, pelo menos no nível em que é ativo, um nível de limite, que varia de acordo com as naturezas individuais; "santa fraude" (16) - fora da caridade – é o preço do individualismo volitivo.

Se a gnose, por sua parte, discerne essencialmente – e em todos os níveis – espíritos e valores, é porque seu ponto de vista nunca é pessoal, de modo que, na gnose, a distinção entre eu e o outro, e a sutil e paradoxal persistência relacionadas a ela, quase nunca fazem sentido; mas aqui também, a aplicação do princípio depende das limitações impostas a nós, pela natureza das coisas e de nós mesmos.

A caridade para com o próximo, quando é um ato direto da consciência e não apenas um sentimento moral, implica em nos ver no outro, e o outro em nós; a divisão entre *ego* e *alter* deve ser superado, a fim de que a divisão entre o Céu e a terra possa ser reparada.

Segundo São Thomas, não é da natureza da vontade livre escolher o mal, embora esta possibilidade derive-se da associação entre a liberdade de ação e uma criatura falível. A liberdade e a vontade estão desta forma associadas; o sábio introduz na vontade, um elemento inteligente, fazendo com que a vontade participe da inteligência. A vontade não deixa de ser vontade ao escolher o mal – isso já foi dito em outra ocasião – mas deixa de ser fundamentalmente livre, e portanto inteligível; no primeiro caso, ela é uma faculdade dinâmica, o poder das paixões – os animais também possuem vontade – no segundo caso, é a dinamização do discernimento. Podemos acrescentar que nem mesmo a inteligência deixa de ser o que é quando no erro, mas neste caso o relacionamento é menos direto do que para a vontade; o Espírito Santo (Vontade, Amor) é delegado pelo Filho (Inteligência, Conhecimento) e não ao contrário.

A doutrina cristã não proclama que o esforço moral produza conhecimento metafísico, mas ensina que a restauração da vontade caída - a aniquilação das paixões – libera o poder contemplativo latente nas profundezas de nossa natureza teomórfica; esse poder contemplativo é como uma janela onde a Luz divina pode surgir, assim como a Justiça e principalmente a Misericórdia; na gnose, este processo de alquimia mística é acompanhada por conceitos apropriados e estados de consciência (17). Por este ângulo, a primazia do amor não é oposta à perspectiva da sabedoria, mas ilumina o seu aspecto operativo (18).

A moralidade que oferece a outra face- se é que podemos falar de moralidade aqui – não significa uma solicitude anormal para com o adversário, mas completa indiferença para com as grillhões deste mundo, ou mais precisamente, uma recusa de se deixar apanhar pelo círculo vicioso das causas terrestres. O homem que deseja ser correto a qualquer preço no plano pessoal, perde a serenidade e se afasta da única coisa necessária; as relações deste mundo só trazem distúrbios que afastam o homem de Deus. Mas a paz, como qualquer atitude espiritual, pode ser independente da atividade externa; a fúria santa é internamente calma, e quando executar um julgamento torna-se uma tarefa inevitável – inevitável quando motivado por interesses elevados e não pessoais – é compatível com a mente livre de laços e ódio. O Cristo luta contra as paixões e interesses pessoais, mas não contra a realização do dever ou do interesse coletivo; em outras palavras, Ele se opõe ao interesse pessoal

quando este é passional ou prejudicial aos interesses dos outros; Ele condena o ódio, mesmo quando serve a interesses elevados.

A não violência defendida pelos Evangelhos, simboliza a virtude da mente preocupada com o que é, em preferência ao que acontece. Via de regra, o homem perde muito tempo e energia questionando-se sobre a injustiça de seu semelhante e sobre a suposta dificuldade do destino; enquanto houver injustiça humana ou punição divina, o mundo – a corrente das formas ou a roda cósmica – é o que é, simplesmente segue o seu curso; ele está de acordo com sua própria natureza. Os homens não podem ser injustos, pois formam parte desta corrente; separar-se da corrente e atuar de forma contrária da lógica dos fatos e da escravidão e conseqüentemente parecer louco aos olhos do mundo, é, na realidade, adotar aqui embaixo, o ponto de vista da eternidade. Adotar este ponto de vista é se ver de longe, muito longe: é ver que nós mesmos fazemos parte deste mundo de injustiça, e isso é mais uma razão para manter a indiferença em meio ao tumulto das discussões humanas. O santo é o homem que age como se tivesse morrido e voltado à vida; tendo já deixado de ser ele mesmo, no sentido terrestre, ele não tem absolutamente nenhuma intenção de voltar àquele sonho, mas se mantém numa espécie de despertar que o mundo, com sua impurezas e mesquinhez, não pode compreender.

O amor puro não pertence a este mundo de contradições; ele é celestial, por origem, e seu fim é Deus; o amor vive, como se estivesse em si mesmo, através de sua própria luz e no raio do Deus-Amor, e eis o porque que a caridade "nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". (1 Cor. 13, 5-7).

OS MISTÉRIOS DO CRISTO E DA VIRGEM

Deus tornou-se homem, para que o homem pudesse se tornar Deus. O primeiro mistério é o da Encarnação, o segundo da Redenção.

Do mesmo modo que o Verbo, ao assumir a carne, já estava, de certa forma crucificado, o homem também, ao retornar à Deus, deve compartilhar dos mesmos mistérios: o *ego* é crucificado para o mundo, mas a graça da salvação se faz encarnada no coração; a santidade é o nascimento e a vida de Cristo em nós.

O mistério da Encarnação possui dois aspectos: de um lado o Verbo, do outro Seu receptáculo humano; o Cristo e a Virgem Maria. Para ser capaz de realizar tal mistério em si, a alma deve ser como a Virgem; pois assim como o sol só pode ser refletido na água, quando esta encontra-se calma, a alma só pode receber o Cristo na pureza virginal, na simplicidade original, e não no pecado, que é desordem e desequilíbrio.

Por "mistério" não queremos dizer algo incompreensível em princípio – a menos que seja considerado de forma puramente racional- mas algo que flui ao infinito, de modo que a inteligibilidade torna-se ilimitada e humanamente inexaurível. Um mistério é sempre algo de Deus.

Ave Maria gratia plena, dominus tecum: benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus. (19)

Maria é a pureza, a beleza, a bondade e a humildade da Substância cósmica; o reflexo microcósmico dessa Substância é a alma em estado de graça. A alma no estado de graça batismal, corresponde à Virgem Maria; a benção da Virgem está com aquele que purifica sua alma para Deus. Essa pureza – o estado Mariano é a condição essencial, não só para a recepção dos sacramentos, mas também para a atualização espiritual da real Presença do Verbo. Pela palavra *ave*, a alma expressa a idéia de que, em conformidade com a perfeição da Substância, ela se coloca ao mesmo tempo em conexão com ela, enquanto implora o auxílio da Virgem Maria, Ela que personifica esta perfeição.

Gratia plena: Substância primordial, devido à sua pureza, bondade e beleza, é preenchida pela Presença divina. Ela é pura porque não contém nada além de Deus; é boa porque compensa e absorve toda forma de desequilíbrio cósmico, já que é totalmente equilíbrio; é bela, porque é totalmente submissa à Deus. É desta forma que a alma, o reflexo microscópico da Substância – corrompida pela queda – deve novamente tornar-se pura, boa e bela.

Dominus tecum: esta Substância não é somente preenchida pela Presença divina, de forma existencial ou ontológica ela é preenchida pela Presença divina por definição, isto é dizer, por sua própria natureza, mas está também em constante comunicação com o Verbo. Assim, se a *gratia plena* significa que o mistério divino é imanente na Substância, *Dominus tecum*, significa que Deus, em Sua transcendência metacósmica, é revelado para a Substância, assim como o olho, repleto de luz, vê o próprio sol. A alma, repleta de graça verá à Deus.

Benedicta tu in mulieribus: em comparação a todas as substâncias secundárias, só a Substância total é perfeita e totalmente submetida à Graça divina. Todas as substâncias derivam dela através da ruptura do equilíbrio; igualmente, todas as almas caídas derivam da alma primordial através da queda. A alma em estado de graça, a alma pura, boa e bela, recupera a perfeição primordial; ela é, com isso, abençoada entre todas as substâncias microcósmicas.

Et benedictus fructus ventris tui, Jesus: aquele que, no princípio, é *Dominus tecum*, torna-se, em manifestação, *fructus ventris tui*, *Jesus*: isso é dizer que o Verbo, que comunica-se com toda substância virgem da Criação total, é refletido num sentido inverso nesta Criação: ele irá aparecer na criação como fruto, resultado, não como raiz, a causa. Novamente: a alma submissa à Deus pela sua pureza, bondade e beleza, parece dar nascimento à Deus, aparentemente; mas esse Deus que nela nasce irá transmutá-la e absorvê-la, assim como o Cristo transmuta e absorve Seu corpo místico, a igreja, que passa de militante e sofredora à triunfante. Mas, na realidade, o Verbo não nasce na Substância, pois o Verbo é imutável; é a Substância que morre no Verbo. Mais uma vez, quando Deus parece germinar na alma, é na verdade, a alma que morre em Deus.

Benedictus: o Verbo que se faz encarnado é a Bênção em si; no entanto, como aparentemente Ele se manifesta como Substância, como alma, é denominado abençoado; nesta condição ele é considerado, não segundo a sua transcendência – o que tornaria a substância irreal – mas com relação à sua aparência, sua Encarnação: *fructus*.

Jesus: o Verbo que determina a Substância, revelando-Se à ela. Macrocosmicamente, é o Verbo que se manifesta no universo como Espírito Divino; microcosmicamente, é a Presença Real afirmando-se como centro da alma, radiando externamente e finalmente transmutando-a e absorvendo-a (20).

As perfeições virginais são puras, belas, boas e humildes; são estas qualidades que a alma em busca de Deus deve realizar.

Pureza: a alma livre de todo desejo. Todo movimento natural que se afirma na alma, é imediatamente considerado em relação à sua qualidade passional, seu aspecto de concupiscência, de sedução. Esta perfeição é fria, dura e transparente como um diamante. É a imortalidade excluindo toda corrupção.

A Beleza: a beleza da Virgem expressa a Paz divina. É no perfeito equilíbrio de suas possibilidades, que a Substância universal realiza sua beleza. Nesta perfeição, a alma abandona toda dissipação para repousar em sua própria perfeição ontológica, primordial e substancial. Dissemos acima, que a alma deve ser uma perfeita e calma expansão de água; todo movimento natural da alma, irá então aparecer como agitação, dissipação, contração e feiura.

A Bondade: a misericórdia da Substância cósmica consiste de bondade; virgem, com relação a seus produtos, ela encerra um inexaurível poder de equilíbrio, de correção, de cura, de absorção do mal e de manifestação do bem; é maternal para com os seres que se dirigem a ela, aos quais não nega, de forma alguma, a sua assistência. Do mesmo modo, a alma deve afastar seu amor do *ego* endurecido,

dirigindo-o ao próximo e a toda criação; a distinção entre o "Eu" e o "outro", deve ser abolida, o eu se torna o outro, e o outro se torna o eu. A distinção passional entre eu e tu é um estado de morte, comparável à separação entre a alma e Deus.

A Humildade: a Virgem, apesar de sua santidade suprema, ainda é uma mulher e não aspira a outro papel; a alma humilde é consciente de sua posição e se retrai diante daquilo que a excede. É desta forma que a *Matéria Prima* do Universo permanece em seu nível próprio e nunca busca se apropriar da transcendência do Princípio.

Os mistérios, júbilos, sofrimento e glórias de Maria são, por um lado, vários aspectos da realidade cósmica, por outro, da vida mística.

Como Maria – e como a Substância universal – a alma santificada é virgem, esposa e mãe.

A natureza do Cristo aparece em quatro mistérios: encarnação, amor, sacrifício, divindade; a alma humana deve participar desses mistérios de diversas formas.

A Encarnação: manifestada, como princípio, em todo ato divino positivo, como a criação ou, dentro da criação, nas diferentes confirmações do Divino, como as Escrituras. Na alma, é o nascimento do Divino em nós, a graça, mas também a gnose, que transforma o homem e lhe confere a salvação; é também o ato divino da Oração do Coração, o Nome de Deus encarnado na alma como uma força invisível. O Cristo, como pura confirmação divina, entra no mundo – e na alma – com a força da iluminação, da espada desembainhada; todo o imaginário natural da alma aparece então como uma passividade ou uma complacência com relação ao mundo, um esquecimento de Deus com relação à fraqueza e à negligência. A encarnação é, na alma, a vitoriosa e incessantemente renovada presença do Milagre divino.

O Amor: Deus é amor, vida infinita. O *ego*, ao contrário, é um estado de morte, comparável, em sua essência congênita, à uma pedra, e também, em sua sordidez, à terra estéril e mutável. O coração endurecido deve ser liquefeito; sua indiferença para com Deus deve se transformar em fervor, enquanto se torna indiferente ao *ego* e ao mundo. O Dom das lágrimas é uma manifestação desta liquefação; a emoção espiritual, outra.

O Sacrifício: na cruz, a aniquilação de Cristo é o ponto culminante no estado de abandono entre o Céu e a terra. É assim que o *ego* deve ser aniquilado, de forma perfeita, diante da exclusiva Realidade de Deus.

A Divindade: o que corresponde a ela na alma, é a pura espiritualidade, ou a permanente união com Deus. É a lembrança de Deus que deve ser o verdadeiro centro de nosso ser, no lugar do *ego* ilusório, que se dissipa nas aparências deste mundo inferior. A pessoa humana torna-se ela própria, unicamente além de si mesma, em profunda e inexprimível União.

A Oração do Senhor é a excelência de todas as orações, já que o Cristo é o seu autor; ela é, portanto, mais excelente, enquanto oração do que a Ave, por isso é a primeira oração do Rosário. Mas a Ave é mais excelente do que a oração do Senhor, por conter o Nome do Cristo, misteriosamente identificado com o Próprio Cristo, já que "Deus e Seu Nome são um". O Cristo é mais do que a oração que Ele ensinou, e a Ave, que contém o Cristo através de Seu nome, é mais do que essa Oração; é por isso que as recitações do Ave são muito mais numerosas do que as do Pater, constituindo, com o Nome do Senhor que contém, a verdadeira substância do Rosário. Estamos tentando dizer que a oração do servo, dirigidas ao Senhor corresponde aos Mistérios menores – lembramos que isso está relacionado ao estado primordial ou edênico, e assim, à plenitude do estado humano – enquanto que o Nome de Deus propriamente dito, corresponde aos Grandes Mistérios, cuja finalidade está além de todo estado individual.

Do ponto de vista microcósmico, como temos visto, Maria é a alma em estado de graça santificada, qualificada a receber a Presença Real; Jesus é a Semente divina, a Presença real que traz consigo a

transmutação da alma, ou a sua universalização ou reintegração ao Eterno. Maria – como o Lotus – é superfície ou horizontal; Jesus – como a Jóia (21) – é centro e na relação dinâmica, vertical. Jesus é Deus em nós, Aquele que nos penetra e nos transfigura.

Em meio as meditações do Rosário, os Mistérios Gozosos consistem, do ponto de vista adotado aqui, e em conexão com as orações jaculatórias, a Presença Real do Divino no humano; os Mistérios Dolorosos, descrevem o aprisionamento redentor do Divino no humano, a inevitável profanação da Presença Real através das limitações humanas; finalmente, os Mistérios Gloriosos relacionam-se à vitória do Divino sobre o humano, a libertação da alma pelo Espírito.

A CRUZ

Se a Encarnação significa a descida de Deus, o Cristo é também equivalente à toda criação. Ele a contém; Ele é uma segunda criação, que purifica e redime a primeira. Ele assume, com a cruz, o mal da Existência; para ser capaz de assumir esse mal, era necessário que Deus torna-se Existência. A cruz está em todo lugar porque a criação está necessariamente separada de Deus; A Existência se afirma e desabrocha através do gozo, mas este torna-se pecado quando Deus não é o seu objeto, embora todo gozo contenha uma justificação metafísica, por estar direcionado à Deus pela natureza de sua existência; todo pecado é quebrado ao pé da cruz. Mas o homem não é feito unicamente de desejo cego; ele recebeu inteligência para que possa conhecer à Deus; ele deve tornar-se consciente do divino em todas as coisas, e ao mesmo tempo deve "tomar sua cruz" e "oferecer a outra face", isto é dizer, escapar da lógica interna da prisão da existência; sua lógica, que é "loucura" aos olhos do mundo, deve transcender o plano de sua prisão, deve ser vertical ou celestial, não horizontal ou terrestre.

A Existência ou manifestação tem dois aspectos: a árvore e a cruz; a árvore, jubilosa no Éden, mas carregando a serpente, e a cruz dolorosa, carregando o Verbo feito carne. Para o ímpio, a Existência é um mundo de paixão que o homem justificaria através da filosofia de acordo com a carne; para o eleito, a existência é um mundo de aprovação, traspassado pela graça, pela fé e pela gnose.

Jesus não é só o novo Adão, mas também a nova Criação. A antiga é totalidade e circunferência; a nova, unicidade e centro.

Não podemos escapar da cruz mais do que podemos escapar da Existência. Na raiz de tudo o que existe, está a cruz. O *ego* é um propenso afastamento do homem de Deus; a cruz é um breque dessa inclinação. Se a existência é "algo de Deus", é também algo que "não é Deus"; é exatamente isso que o *ego* encarna. A cruz traz o que não é Deus, para o que é de Deus, tornando possível a conquista da Existência.

O que torna o problema da Existência tão complexo, é que Deus brilha através de todas as coisas, já que nada poderia existir fora Dele; tudo depende de não se separar desta distante percepção do Divino. É por isso que o deleite, na sombra da cruz, é possível e até inevitável; existir é experimentar o deleite, ainda que ele esteja ao pé da cruz. Este é o lugar ao qual o homem deve se manter, já que este é a profunda natureza das coisas; o homem só pode violar esta natureza na aparência. O sofrimento e a morte nada mais são do que a cruz reaparecendo na carne cósmica; A Existência é uma rosa marcada pela cruz.

A moral social distingue entre os direitos de um homem e o erro de outro; mas a moral mística de Cristo, propriamente dito, não admite ninguém como certo, ou seja, todos são situados num plano, onde ninguém é absolutamente correto, já que o homem é um pecador e ninguém é bom senão Deus (22). A Lei de Moisés mostra um homem apedrejado por mal conduta na sociedade, um adúltero por exemplo, mas para Cristo, só Deus pode julgar, e isso exclui qualquer forma de vingança; todo homem é culpado diante do Eterno. Todo pecado é aquele de Adão e Eva, e todo ser humano é Adão ou Eva (23); o primeiro ato de justiça será então o de perdoar o próximo. A falta do outro é, no fundo, nossa própria falta; é apenas uma manifestação da falta latente que consiste em nossa substância comum.

Mas o Cristo, cujo reino não é deste mundo, deixa aberta uma porta para a justiça humana, já que ela é inevitável: "De a César o que é de César". Negar esta justiça, em qualquer plano, é colaborar para aumentar a injustiça; contudo, é necessário superar o ódio, trazendo o mal para sua raiz total, para aquela "ofensa", onde o dever deve ser reconhecido, e acima de tudo, descobrindo-o em nossa própria natureza, que é aquele de sempre: o *ego*; o *ego* é uma ilusão ótica, que capta um feixe de luz e, convexo, de acordo com o que é, uma questão de si mesmo ou de outro. É preciso descobrir, através da Verdade, que a serenidade que tudo compreende, tudo perdoa, reduzindo todas as coisas ao equilíbrio; é necessário conquistar o mal com a paz que, estando além do mal, não é o seu contrário; a verdadeira paz não tem um oposto.

"Aquele dentre vós que não tem pecado, atire a primeira pedra": somos todos de uma mesma substância pecadora, uma mesma questão suscetível ao excesso e ao mal; somos, em consequência, parceiros no mal, de forma indireta, mas não menos real; é como se todos carregassem em si uma partícula de responsabilidade por todo pecado. O pecado aparece portanto, como um acidente cósmico, exatamente como é o *ego*, mas numa escala maior; estritamente falando, há pecado quem não possui *ego* e que, desta forma, é como o vento, do qual o homem não pode falar de onde vem ou para onde vai. Se só Deus tem o direito de punir, é porque ele está além do *ego*; o ódio é arrogar para si o lugar de Deus, esquecendo-se de sua parte humana de uma miséria comum, e atribuindo ao Eu uma espécie de absolutismo, afastando-se daquela substância da qual os indivíduos são apenas muitas contrações ou unidades. É verdade que, algumas vezes, Deus delega seus direitos de punição ao homem, na medida em que ele surge acima do Eu; mas para ser o instrumento de Deus, não se pode ter ódio contra o homem. No ódio, o homem esquece o pecado original, e com isso se sobrecarrega do pecado do outro; é por isso que fazemos Deus de nós mesmos toda vez que odiamos, a fim de amarmos nossos inimigos. Odiar o próximo é esquecer que só Deus é perfeito e só Deus é Juiz. Pela lógica, só se pode odiar em Deus e por Deus; devemos odiar o *ego*, não a alma imortal, e odiar aquele que odeia à Deus, e de nenhuma outra forma; devemos odiar o ódio contra Deus e não a sua alma. Da mesma forma, quando o Cristo diz que é necessário negar pai e mãe, quer dizer que é necessário rejeitar neles o que está contra Deus, ou seu caráter de ligação e seu aspecto de obstáculo com relação "à única coisa necessária". Tal renúncia implica portanto em libertação virtual, no plano das realidades escatológicas, um ato de amor.

Carregar a cruz é se manter junto à cruz da Existência. A Existência possui o polo do pecado e o polo da cruz; a precipitação cega ao prazer e o ato consciente de parar; o caminho largo ou o caminho estreito. Carregar a cruz é essencialmente, não nadar com a correnteza; é reservado aos espíritos discernidos, manter-se incorruptível, neste aparente nada que é a Verdade. Carregar a cruz então, é persistir no nada, no limiar de Deus; sendo o mundo orgulhoso, egoísta, passional e de falso conhecimento, significa ser humilde e caridoso, "morrer" e ser como uma "criança". Este nada torna-se sofrimento na proporção de nosso orgulho, o que nos faz sofrer; o fogo do purgatório nada mais é do que a nossa substância que queima, não porque Deus quer nos machucar, mas por ser o que é; porque é deste mundo.

A cruz é a fissura divina através da qual a Misericórdia flui do Infinito.

O centro da cruz, onde as duas dimensões se encontram, é o mistério do perdão: é o "momento espiritual" em que a alma se perde, quando ela não mais è e quando ela ainda nada é. Como na Paixão de Cristo, esta lamentação não é somente um mistério da dor, o qual o homem deve compartilhar através da renúncia, mas também, ao contrário, uma abertura que só Deus poderia operar, e que Ele, de fato, operou porque Ele era Deus; eis o porquê "minha parte é fácil, e meu peso é leve". A vitória que recai sobre o homem já foi conquistada por Jesus; para o homem, nada mais resta senão se abrir a esta vitória, que desta forma se torna sua própria vitória.

O que é abstração, torna-se corpóreo com o Verbo feito carne. A lança do centurião Longuinho perfurou o lado de Cristo; uma gota do sangue divino, correndo pela lança, tocou a mão do homem. Neste momento, o mundo entrou em colapso, como uma casa de vidro, as trevas da existência são afastadas, sua alma torna-se como uma ferida aberta. Ele fica como que embriagado, mas numa

embriagues fria e pura; toda a sua vida torna-se daqui para frente, como um eco repetindo mil vezes aquele instante único na raiz da cruz. Ele acaba de renascer, não porque compreendeu a verdade, mas porque a Verdade, do Seu mundo, o atingiu, existencialmente, tocando-o com um gesto concreto. O Verbo feito carne é a Verdade feita matéria, uma matéria transfigurada e renovada, uma matéria que é luz que queima, transformadora e libertadora.

NOTAS:

1. "O Verbo era a Luz verdadeira que ilumina todo homem..." (Jo 1,9)
2. "A fé, diz São Paulo, é a substância ("assurance" R.V.) das coisas esperadas, a evidência ("proving" R.V.) das coisas que não se vêem... Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem a sua origem em coisas manifestas" (Heb.11-1,3), o que prova que a fé é, no mínimo, não contrária à gnose; sem dúvida, nem toda fé é conhecimento metafísico, mas todo conhecimento metafísico, sendo uma "evidência das coisas não vistas, pertencem ao domínio da fé. A gnose é a perfeição da fé no sentido em que combina seu conhecimento com as realizações correspondentes; ela é sabedoria e santidade: sabedoria santificada e santidade sábia. A expressão mais externa do elemento "realização" são as obras, que por um lado provam e por outro dão vida à fé; "Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento ("morta em si mesma" R.V.) (Tg.2,17).
3. Analogamente, as metafísicas do Islamismo são unitárias, no sentido de que procedem em última análise, da Unidade, enquanto que as metafísicas do Judaísmo são, de um só vez, unitária e denária. (Decálogo, Sephiroth).
4. Segundo Santo Agostinho, a liturgia é essencialmente simples, de modo que esta simplicidade é quase que um critério de autenticidade; se assim não fosse, diz o Bispo de Hippo, a liturgia seria mais baixa do que a Lei Judáica que, acima de tudo, foi dada por Deus e não pelos liturgistas; além do mais, ele reforça o fato de que as festas cristãs são de pequeno número.
5. Tivemos, por várias vezes, a oportunidade de reforçar o caráter sagrado e imutável da cultura religiosa: não se trata de algo puramente humano, e acima de tudo, não consiste na busca de mistérios impossíveis, em profundidades não-existenciais, como é a intenção da arte moderna, que ao invés de adaptar "nossos tempos" à verdade, pretende adaptar a verdade "ao nosso tempo". No contexto do artista ou do artesão e da expressão litúrgica, os termos Cristã e medieval são de fato sinônimos; negar que a arte pode ser Cristã sob o pretexto de que o Cristianismo está acima de culturas, é não ver o conteúdo e o valor desta arte; é negar elementos da verdade e da santidade.
6. É significativo que a Igreja Celta, aquele mundo misterioso que apareceu como uma espécie de última prolongação da idade dourada, afirma estar ligada à São João.
7. De acordo com Tertuliano, "a carne é unguida, para que a alma possa ser santificada; a carne é marcada para que a alma possa ser fortificada; a carne é colocada na sombra pela imposição das mãos, para que a alma possa ser iluminada pelo Espírito Santo". O mesmo autor diz que no Batismo "a carne é lavada para que a alma possa ser purificada". De acordo com São Dionísio, o Batismo a Eucaristia e a Confirmação referem-se, respectivamente, aos caminhos da purificação, iluminação e perfeição; para outros, o Batismo é que é chamado de iluminação; isso claramente não contradiz a primeira perspectiva, já que toda iniciação ilumina por definição: o tirar do pecado original abre o caminho para a luz preexistente no homem edênico.
8. Estes ritos funerários lembram a cremação simbólica, que, na Índia, dá início ao estado de sannyâsa.
9. O homem casado pode ser casto "em espírito e em verdade", o mesmo vale para os votos de pobreza e obediência, como provado pelo exemplo de Saint Louis e outros monarcas canonizados. A restrição expressada pelas palavras "em espírito e em verdade", ou pela formulação Paulina: "a

letra mata, mas o espírito vivifica", possui importância capital na perspectiva Cristã, mas também contém, providencialmente, uma "espada de dois gumes".

10. Para Clemente de Alexandria, o corpo de Cristo, ou o pão eucarístico, refere-se à vida ativa ou fé, e o sangue ou o vinho, à contemplação e à gnose.

11. O mesmo é contado de uma santa Dominicã, Catarina de Racconigi. A parte do Ave Maria e do Nome de Jesus, são feitas menções sobre a dupla invocação *Jesus Maria*, que contém duas dimensões místicas, assim como o *Criste eleison* que é uma abreviação da Oração de Jesus da Igreja Oriental; sabe-se que a ciência mística da oração jaculatória foi transmitida ao Ocidente por Cassiano, que aparece retrospectivamente como o intermediário providencial entre os dois grandes ramos da espiritualidade Cristã, ele que em seu tempo era, para o Ocidente, o representante da tradição mística como tal. Recordemos aqui estas palavras litúrgicas: "Panem celestem accipiam et nomen Domini invocabo", e: "Calicem salutare accipiam et nomen Domini invocabo". – Nos mosteiros Gregos e Slavos o rosário de nós é parte da investidura dos Pequenos Sinerótes e dos Grandes Sinerótes: é conferido ritualmente ao monte ou a irmã. O Superior toma o rosário em sua mão esquerda e diz: "Tome, irmão N., a espada do espírito que é a palavra de Deus, para orar a Jesus incessantemente, pois deves ter, constantemente, o nome do Senhor Jesus na mente, no coração e nos lábios, dizendo: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pecador"." Na mesma ordem de idéias, chamamos a atenção para o ato de amor – a oração perpétua do coração – revelada, em nosso tempo, a Irmã Consolata de Testona. (Ver *Jesus Appeals to the World*. Society of St.Paul, N.Y.,1955).

12. O Cristo deixou outros ensinamentos sobre a humildade, por exemplo, quando Ele disse que Ele não veio para ser servido, mas para servir; ou quando disse: "aquele que for humilde como esta criancinha, será grande no reino dos céus"; ora, a verdadeira natureza de todas as crianças é a pureza e a simplicidade, não a rivalidade. De acordo com São Tomás de Aquino, a humildade não requer que submetamos o que é divino em nós ao que é divino em outro; nem que submetamos o que é humano em nós ao que é humano no outro; muito menos o que é divino deve se submeter ao que é humano; mas ainda há a questão, algumas vezes delicada, mas nunca insolúvel, da correta definição das coisas.

13. Os dizeres de Cristo: "Por que chamam a mim de bom? Não há bom senão um, ou seja Deus": pertencem à humildade maior que falamos aqui; o mesmo ocorre quando o Cristo cita as criancinhas como exemplo – Se fosse necessário tomar literalmente as convicções do místico sobre ser o "pior dos pecadores", não seria possível explicar como alguns santos, que tiveram essa convicção, poderiam atacar algum herético; além do mais, seria um absurdo pedir aos homens que tivessem um apurado senso dos menores defeitos de sua natureza e ao mesmo tempo que fossem incapazes de discernir tais defeitos nos outros.

14. Os comentaristas da Torá afirmam que o impedimento da fala que afligia Moisés fora imposto à ele por Deus, a fim de que não fosse capaz de divulgar os Mistérios os quais, precisamente, a Lei do Sinai tinha que velar e não revelar; mas estes Mistérios, eram basicamente, não outros que aqueles revelados pelo Cristo.

15. A antiga tendência de reduzir a *sophia* à filosofia, uma arte pela arte ou um conhecimento sem amor, faz com que uma pseudo-sabedoria predomine, no Cristianismo, do ponto de vista contrário. O Amor, sob a perspectiva sábia, é o elemento que supera o raciocínio simples e torna o conhecimento efetivo; não se pode insistir neste ponto demasiadamente.

16. A veracidade, que a final tem mais importância do que as conjecturas morais, implica no consequente uso da lógica, isto é dizer: não colocar nada acima da verdade, nem cair na fraude contrária, de acreditar que ser imparcial significa não considerar ninguém certo ou errado. Ninguém pode negar o discernimento em nome da imparcialidade, pois objetividade consiste, não em absorver o errado ou acusar o correto, mas ver as coisas como são, quer que isso nos agrade ou não: é, conseqüentemente, ter um senso de proporção muito mais do que um senso sutil de comparação.

Não seria necessário mencionar essas coisas elementares, se não nos deparássemos, constantemente com esta falsa virtude que distorce a visão exata dos fatos, mas poderia ser dispensada com suas dúvidas, se simplesmente tivesse consciência do valor e eficácia da humildade diante de Deus.

17. O conhecimento é, desta forma "santificado", sem ser limitado a ser mais ou menos santificado, adequando-se as necessidades da casualidade; isto vai perfeitamente ao encontro com a doutrina da caridade de São Paulo. A implacabilidade de tal conhecimento não é a arrogância, mas a pureza. A gnose faz do conhecimento algo efetivo, ontológico, vivo. Fora da gnose, não é uma questão de extirpar as paixões, mas de direcioná-las ao Céu.

18. As doutrinas do conhecimento Platônicas e Augustiana ainda estão em perfeita sintonia com a gnose, enquanto que o sensualismo Aristoteliano e Thomista, sem serem falsos em seu nível próprio e dentro de seus próprios limites, estão de acordo com as exigências do caminho do amor, especificamente no sentido do termo bhakti. Mas esta reserva está longe de se aplicar a todo o Thomismo, o qual se identifica, em muitos aspectos, com a verdade inqualificada – É preciso evitar a opinião daqueles que acreditam que o Thomismo, ou qualquer outra sabedoria antiga, possuem apenas um valor efetivo quando a reciamos em nós mesmos – nós – homens de hoje! Se São Thomas tivesse lido Descartes, Kant e os filósofos do século XIX e XX, ele teria se expressado de forma diferente; na realidade, ele teria, mais que nada, que rebater milhares de erros. Se um dita antigo é correto, não há nada a fazer do que aceitá-lo; se é falso, não a razão para considerá-lo; mas querer repensá-lo através de um véu de novos erros e impressões já bastante claras, não interessa; tais tentativas mostram que o sentido da verdade intrínseca e atemporal foi perdida.

19. A devoção do Rosário...é, quando corretamente compreendido, tão antigo quanto a Igreja. É a devoção apropriada dos cristãos. Serve para reviver e manter o espírito e a vida do Cristianismo. A inovação do nome só pode ofender aqueles que não conhecem o seu sentido: São Dominique, considerado o Autor desta devoção, é, de fato, apenas o seu Restaurador". (La solide Dévotion du Rosaire, por um dominicano desconhecido do início do século XVIII).

20. Esta expressão não deve ser tomada ao pé da letra, assim como outras expressões de união que se seguem; o que é essencial é a deificação, qualquer que seja a significação que a ela se dê.

21. Nos aludimos aqui a conhecida formula Budista: Om mani padmê hum. Há uma analogia entre essa fórmula e o nome de Jesus de Nazaré: o significado literal de Nazareth é "flor", e mani padmê significa "jóia no lotus".

22. "Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas nem por isto estou justificado; meu juiz é o Senhor. (1 Cor. 4,4).

São Gregório, o Grande, diz numa carta que "todo pecado procede de três causas, ou seja, sugestão, prazer e consentimento da vontade. A serpente sugestionou o primeiro pecado; Eva, como carne, encontrou ali um prazer carnal, enquanto Adão, como mente, consentiu; mas unicamente a mais sutil inteligência pode discernir entre sugestão e prazer e entre prazer e consentimento..."

FIM